



Impacto das doenças infectocontagiosas na vida sexual de adolescentes em fase escolar: Uma discussão teórica

Luciana de Fátima da Costa Moraes

Graduada em Fisioterapia
Instituição: Santa Casa de Misericórdia do Pará
ORCID: 0000-0003-3434-826X

Jessica de Moura Monteiro

Graduada em Fisioterapia
Instituição: Santa Casa de Misericórdia do Pará
ORCID:0009-0005-1020-2137

Luciano Salazar Morais

Acadêmico de Enfermagem
ORCID:0000-0003-2931-5156

Júlio César da Silva Corrêa

Graduado em Pedagogia
Instituição: Faculdade da Amazônia
ORCID: 0000-0002-7303-1479

RESUMO

O artigo em tela discute acerca da falta e/ou acesso a informações adequadas sobre as infecções sexualmente transmissíveis - ITI's e HIV/AIDS onde o acesso deveria ocorrer no espaço-tempo escola a partir da Educação Sexual na Educação Básica. Para tanto escolheu-se realizar uma pesquisa do tipo Bibliográfico respaldada nos seguintes autores: Saito; Leal (2000), Dacroce; Corrêa (2021), Freire (2021). Danzmann et al (2022), Cruz (2022) dentre outros somados aos dados oficiais, Brasil (2022). Observou-se a partir do material bibliográfico encontrado que o adolescente é inseguro com relação a descoberta do sexo e de sua sexualidade, bem como, o acesso a informação devida sobre as ITI's e HIV/AIDS haja vista os pais/responsáveis não dão retorno devido as inquietações dos adolescentes em suas fases de mudanças. Conclui-se que o espaço-tempo escolar é o local adequado para professores e profissionais da área de saúde darem as informações adequadas aos adolescentes sobre suas mudanças físicas, psicoemocionais, sexo, sexualidade, prevenção das ITI's e HIV/AIDS, para que a descoberta do sexo e da sua sexualidade não seja permeada de incertezas e traumas.

Palavras-chave: ITI's, HIV/AIDS, Adolescência, Escola.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da Internet os adolescentes tiveram acesso a informações acerca de tudo, são horas afio nos: *smartphone*, *tablete*, computador, *videogame* e TV dentre outras mídias, mas os mesmos não acessam os conhecimentos científicos acerca de sexo e/ou sexualidade e os pais /responsáveis não conversam sobre, deixando o adolescente sem estrutura para ter uma vida sexual ativa e segura, conseqüentemente estarão propícios a contrair as Infecções Sexualmente Transmissíveis - ITI's e



HIV/AIDS, assim o sexo se torna doloroso e a descoberta do prazer pode tornar-se um pesadelo (Dacroce; Corrêa, 2021, Danzmann et al, 2022 e CRUZ, 2022).

As ITI's e HIV/AIDS, são patologias acometidas por micróbios, bactérias e vírus que se exteriorizam, principalmente, por intermédio das relações sexuais desprotegidas com indivíduos infectados. São persistentes, têm múltiplas apresentações clínicas e etiologias que impactam na qualidade de vida das pessoas acometidas, tornando-se uma das cinco principais causas de procura da população mundial aos atendimentos em saúde (Freire, 2021).

O Ministério da Saúde (Brasil, 2022), afirma que na descoberta de novos tratamentos observou-se uma diminuição dos casos de HIV/AIDS em quase todo o país nos últimos anos. Parte dessa redução pode estar relacionada à subnotificação de casos, principalmente no ano de 2020, devido à pandemia do COVID-19. Esta diminuição foi considerável nas regiões sul e sudeste, porém houve um aumento significativo de novos casos nas Regiões Norte e Nordeste com destaque para os estados do Acre, Pará (Belém, Ananindeua e Castanhal maiores índices do Brasil), Maranhão, Sergipe e Tocantins. No que se refere aos jovens com idade entre 15 à 24 anos, principalmente entre as mulheres em idade reprodutiva destacando-se as gestantes, parturientes e puérperas com grau de escolaridade entre a 5^a à 8^a série incompleta.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), afirma que a adolescência pode ser caracterizada como uma fase que possui importantes modificações, como crescimento físico, comportamental, sociocultural, espiritual, reestruturação psíquica e a chegada da puberdade. Em geral as ITI's afetam 30% da população adulto jovem, mas o seu maior índice de infecção ocorre ainda na adolescência (Magalhães *et al*, 2021).

No período da adolescência encontra-se uma alta incidência de ITI's e HIV/AIDS, pois os jovens iniciam sua vida sexual cada vez mais cedo, com maior número de parceiros e irregularidades no uso do preservativo. A vulnerabilidade dos jovens às ITI's são diversas, envolvendo aspectos como o início precoce da atividade sexual, a necessidade de aceitação e inserção em grupos sociais, aumento do consumo de álcool e outras drogas, questões de gênero. Muitos deles consideram-se suficientemente informados, a ponto de não perceberem o risco de adquirirem tal patologias (Santos, 2019 e Freire; Lima, 2022).

Percebe-se que as informações acerca das ITI's HIV/AIDS não estão chegando até ao adolescente e por não ter, inicia sua vida sexual sem as informações adequadas sobre prevenção, higiene pessoal, controle de natalidade dentre outras, principalmente os riscos do sexo sem prevenção. E não se pode esquecer o emocional e afetivo deste adolescente sexo não pode ser confundido com expressão pura de sentimento, mas vai além dos muros do prazer e do toque.

Neste sentido, pensou-se em realizar uma pesquisa de cunho bibliográfico acerca da temática para que possa discorrer sobre da adolescência e as ITI's e HIV/AIDS e segurança de ter uma vida sexual e sexualidade sadia sem medos, traumas e pecados propondo que a informações cheguem até a escola de Educação Básica onde os profissionais de saúde e educação possam instruir o adolescente em entender e



aceitar as mudanças do seu corpo e as diferenças e limitações, cuidados com o sexo e a sexualidade, ou seja, promover a Educação Sexual.

De acordo com Saito; Leal (2000) e Dacroce; Corrêa (2021) urge a necessidade de promover a Educação Sexual nas Escolas de Educação Básica como forma /meio de preparar o adolescente a vivencia sua sexualidade e do sexo seguro e sem traumas e consequentemente melhorar sua aprendizagem no espaço-tempo de sala de aula.

Acredita-se que a discussão aqui realizada possibilitará uma reflexão acerca das informações sobre as ITI's e HIV/AIDS e posturas que se tem sobre sexo e sexualidade na adolescência junto aos profissionais da área de saúde e educação repassando a possibilidade de realização da Educação Sexual no âmbito escolar da educação Básica.

Neste sentido, o artigo em tela encontra-se organizado em três momentos, sendo a primeira metodologia, apresentou o tipo de pesquisa e de como se organizou a pesquisa até chegar a organização do texto final do artigo.

No segundo Adolescência: período de incertezas e muitas perguntas acerca da Sexualidade, neste apresentou-se conceitos e características da adolescência e o que vem a ser as ITI's e HIV/AIDS.

O terceiro Adolescente, Escola e Sexualidade; hora de saber, abordou-se conceito de adolescência e a necessidade de saber acerca da sexualidade e informações sobre ITI's, HIV/AIDS contágio e formas de evitar.

2 METODOLOGIA

Discorrer sobre as ITI's e HIV/AIDS na adolescência em período escolar nos conduziu a realizar uma investigação do tipo bibliográfico. Segundo Sousa; Oliveira; Alves (2021, p.65) “A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas”.

A cada referencial encontrado viabilizou uma visão mais abrangente sobre a temática em tela. Os Boletins Epidemiológicos produzidos pelo Governo é de fácil acesso para quem é da área da saúde, mas para aquele aluno da Educação Básica não é a linguagem utilizada e a apresentação se torna uma barreira ao entendimento do alunado, assim puder contrapor pesquisas, livros, artigos encontrados e digitaliza-los de maneira simples e acessível ao adolescente é a tarefa do educador e/ou profissional da área de saúde que chega até o espaço-tempo escolar.

A partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando



referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

O levantamento de estudos /pesquisas realizadas acerca de temática em tela viabiliza o devido conhecimento e aprofundamento do tema de discussão do artigo, possibilitando cruzamento de informações acerca das ITI's e HIV/AIDS e a vulnerabilidade de adolescentes e jovens sobre a vida sexual.

Desta forma optou-se por uma investigação do tipo análise documental, buscando responder à seguinte pergunta quais as informações disponíveis para os adolescentes sobre a prevenção e cuidados com as ITI's e HIV/AIDS? Tendo como objetivo geral da pesquisa realizar uma observação bibliográfica sobre o conhecimento dos adolescentes quanto a prevenção e cuidados com as ITI's e HIV/AIDS.

Para abranger o tipo de pesquisa selecionado, foi realizada uma revisão da literatura existente sobre o tema para compreender o contexto e estudos anteriores relacionados ao tema de pesquisa.

Feita a revisão, procedeu-se à seleção dos documentos, determinando os tipos de documentos a serem escolhidos: livros, artigos, estatísticas, relatórios governamentais, entre outros.

Então isso efetuou os critérios de inclusão e exclusão de documentos, com base na data de publicação 2018 a 2023, fonte, PubMed, Lilacs, Bireme, Elsevier, Scielo, *American Journal of Therapeutics*, tendo como base de busca os trabalhos referentes a sexualidade na adolescência e ITI's e HIV/AIDS no período escolar como inclusão e de exclusão os trabalhos que não discorrem sobre a temática. Encontramos 80 (oitenta) artigos relevantes, destes foram selecionados 31 (trinta e um) trabalhos, 4 livros, 6 boletins epidemiológicos, após a leitura. Os quais foram suficientes para a devida análise.

Assim, seguiu-se os seguintes passos metodológicos:

- Levantamento do material bibliográfico;
- Fichamento do material encontrado;
- Elaboração de resumo;
- Elaboração do texto do artigo.

Uma vez organizados os documentos, foi elaborado um protocolo de análise, que descreveu como seria realizada a análise, definindo as seguintes categorias ou temas: Adolescentes; Doenças infecciosas; Educação Sexual na Escola.

Com as categorias definidas foi realizada a codificação dos dados, esta foi feita por meio de uma tabela de consistência, onde foram considerados temas semelhantes, concordâncias e discordâncias dos autores referentes ao tema abordado.

Em seguida procedeu-se à interpretação e síntese, onde foram analisadas e sintetizadas as informações obtidas durante o processo de revisão literária, para tanto foram utilizadas tabelas comparativas e citações dos autores considerados para o estudo.



Ao longo do processo de investigação, foram cumpridos padrões éticos, incluindo a atribuição correta das fontes e o respeito pelos direitos de autor.

3 ADOLESCÊNCIA: PERÍODO DE INCERTEZAS E MUITAS PERGUNTAS ACERCA DA SEXUALIDADE

3.1 ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS/ OMS, afirma que a adolescência compreende o período entre 10 e 19 anos de idade, marcada pela transição da infância para a vida adulta. Nesta fase, há o acontecimento de algumas mudanças, estando essas inerentes a vários fatores, como: cultura, religião e condições socioeconômicas em que os adolescentes se encontram. Pode-se inferir que a religião é um dos aspectos que mais influenciam no desenvolvimento do comportamento sexual e reprodutivo dos jovens (OMS, 2021).

Adolescência se caracteriza pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual, social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. O aumento do desejo sexual, nesta fase, coincide com o aparecimento dos caracteres sexuais secundários, tendo-se uma grande influência vinda da alta atividade hormonal presente neste momento. Neste cenário se tem a sexualidade, aspecto fundamental na formação do ser como um todo, estando presente na vida humana desde o nascimento (WHO, 2020).

Pereira *et al* (2018) a instabilidade emocional, a falta de conhecimento, a necessidade de autoafirmação, o início precoce da vida sexual, dentre outros fatores, coloca os adolescentes em situações de risco, como por exemplo, relações sexuais sem planejamento, sem a utilização de preservativos.

Torquato *et al* (2017) é comum que o termo “sexualidade” seja entendido como a prática da relação sexual em si, entretanto, esta propriedade abrange aspectos bem maiores, como gênero, realização pessoal, papéis sociais e reprodutivos. O adolescente passa por mudanças físicas somadas a psicológicas que conduzem a uma nova relação com os pais e com o mundo ao qual se encontra imerso. Esta fase é marcada por um processo de perdas: “A perda do corpo infantil, a perda dos pais da infância e a perda da identidade infantil” (Costa; Pacheco; Silva, 2007, p.1)

Assim, a construção da sexualidade, o adolescente passa a descobrir características próprias, suas preferências e anseios. Após o afloramento da sexualidade, é comum que os jovens sejam movidos pela curiosidade nos momentos em que têm a possibilidade de vivenciar experiências sexuais. Isto pode predisporlos a uma série de riscos, como a aquisição de ITI's e a ocorrência de abusos. Outros fatores determinantes neste contexto são as condições socioeconômicas e a própria cor/etnia dos adolescentes (Queiroz; Almeida, 2017).

De acordo com Dacroce; Corrêa (2021), independentemente de que a sexualidade esteja presente e



atuante em todos os períodos da vida, nos mais diversificados aspectos e afirmação do ser humano, ainda há falta de sapiência do que realmente é sexualidade. A sexualidade e a essência da existência humana que compreende “a ética, o diálogo e a estética”.

Desta forma, mas uma vez a literatura vem a confirmar que os nossos atos e atitudes contribuem de maneira significativa na qualidade de vida que podemos vir a desenvolver já que a presença de uma ITI's, como sífilis ou gonorreia, aumenta consideravelmente o risco de se adquirir ou transmitir a infecção por Vírus da Imunodeficiência Humana.

3.2 INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS, HIV E AIDS E ADOLESCÊNCIA

Brasil (2020), as ITI's apresentam como agente etiológico geralmente os vírus, bactérias ou outros microrganismos e são considerados um importante problema de Saúde Pública, em decorrência da magnitude nociva na qualidade de vida e por sua epidemiologia mundial. São consideradas de grande magnitude para saúde pública por apresentarem infecções recidivas que podem ocasionar infertilidade masculina e feminina, transmissão vertical de mãe para o filho, parto prematuro, perdas gestacionais, más formações congênitas, doenças neurológicas, câncer de colo de útero, leucemias. Gerando assim elevados custos para a saúde pública (Araújo et al, 2021)

Dados da Organização Mundial de Saúde - OMS, revelam que, a cada dia, são diagnosticados cerca de mais de um milhão de novos casos de ITI's e HIV/AIDS tratáveis entre pessoas na faixa etária entre 15 a 24 anos. No estado do Pará observa-se um aumento importante através das notificações compulsórias em grávidas (Brasil, 2022). Neste sentido, a Educação Sexual nas escolas poderá promover uma melhora na qualidade de vida desses jovens, vistos que constitui local privilegiado para a abordagem de forma sistematizada à cerca da prevenção as doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, drogas e métodos anticoncepcionais; devido o tempo de permanência dos jovens e as oportunidades de trocas, convívio social e relacionamento amorosos (Bordino et al, 2023).

De acordo com Rosadas et al. (2021), existem diversos tipos de Infecções Sexualmente Transmissíveis, mas os exemplos mais conhecidos são: Vírus Linfotrópico da Célula Humana (HTLV), Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), Vírus do Papiloma Humano (HPV), Herpes genital, sífilis, gonorreia, Infecção pelas Hepatites virais B e C. Estas infecções são transmitidas, geralmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de preservativo masculino ou feminino, com uma pessoa que esteja infectada, seja de um indivíduo sintomático ou assintomático (Brasil, 2020).

As infecções sexualmente transmissíveis afetam principalmente população ativa na faixa etária reprodutiva e são amplamente adquiridas por meio do ato sexual ou do contato próximo com os órgãos genitais. Embora seja a mais frequente, não é exclusiva, tendo em vista que existem outras vias de transmissão, que também merecem destaque, como: na forma vertical, quando a mãe passa para o feto por



via transplacentária, durante a gestação, o parto ou a amamentação, transfusão sanguínea, compartilhamento de agulhas, transplante de órgãos (Rosadas et al., 2021).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Brasil, 2018), as Infecções provenientes das ITI's têm sido um fenômeno global, apresentando-se na atualidade como um dos mais importantes problemas de saúde pública. Estima-se que existam mais de um bilhão de pessoas nessa faixa etária, o que representa quase 20% da população mundial. No Brasil, existem cerca de 16.991.000 adolescentes entre 15 e 19 anos e cerca de 17.245.000 adultos jovens, de ambos os sexos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o que corresponde a aproximadamente 18% do total da população brasileira.

No ano de 2021 foram registrados 35.246 casos de AIDS, no período de 2011 a 2021 ocorreram 52.513 jovens infectados com HIV, na faixa etária de 15 a 24 anos de idade, a evolução para AIDS se deu maior em homens na proporção de 36 homens para cada 10 mulheres. Entre 2000 e 2022 foram notificadas 149.591 gestantes /parturientes/puérpera infectadas pelo HIV, nas regiões norte e nordeste tiveram um aumento significativo da infecção (Brasil, 2022) se há um aumento vertiginoso o erro deve estar na Pedagogia da Prevenção ou na Pedagogia do Tratamento as ações não estão surtindo efeito (Bordino et al, 2023).

De acordo com Bordino et al (2023), a vivência plena da sexualidade traz ao espaço-escolar discussões que antes ficava de fora limitada ao ambiente familiar e/ou da vizinhança dos alunos. O fato é que a escola não se pode ou não deve se calar diante de algumas situações que ocorrem no universo social, tais como: aumento de casos de HIV/AIDS, adolescentes agredidos e mortos por serem homossexuais, transexuais são mortos em seu local de trabalho (prostituição), homens e mulheres perdem o emprego por assumirem seu gosto por pessoas do mesmo sexo, há também homens e mulheres que se apresentam bissexuais ou durante um tempo transitam entre a heterossexualidade-homossexualidade-bissexualidade estão ainda em construção de seu perfil sexual.

4 ADOLESCENTE, ESCOLA E SEXUALIDADE: A HORA DE SABER

A adolescência é caracterizada como uma fase do ciclo vital humano, marcada pela transição da infância para a idade adulta. Este é um momento em que os jovens buscam novas experiências, testa seus limites e a afirmação de sua identidade, em busca de sua autonomia, afastando-se de sua família e aproximando-se ainda mais dos seus amigos com quem compartilha seus medos e suas descobertas. Por isso torna-se importante entender as fases da adolescência e como tudo começa na vida sexual dos jovens e seus períodos de transição como: orientar e acolher- lós para uma vida saudável em todos os seus âmbitos (Silva; Engstrom, 2020).

Shannon; Klausner (2018), sobre o comportamento dos adolescentes sabe-se que ficam mais



suscetíveis a relacionamentos sexuais de alto risco, como parceiros concorrentes ou sexo sem preservativo. Isso se deve em parte ao fato de que o córtex pré-frontal, responsável pela formação executiva, ainda está se desenvolvendo ao longo da adolescência.

Diante desta realidade observa-se a necessidade de aprimoramento no âmbito escolar, que de acordo com Queiroz; Almeida (2017), a educação sexual é eficaz para que os adolescentes percebam que tenham assistência dos adultos de referência (família, professores ou profissionais de saúde) para que haja permuta de informações corretas sobre o assunto, mas Torquato et al.(2017) afirmam que os pais revelam receio e dificuldade em orientar seus filhos com relação ao tema sexualidade. Visto isso eles transferem essa responsabilidade para os educadores.

O espaço escolar também pode contribuir positivamente para a educação sexual, visto que é um local onde o adolescente passa grande parte do seu tempo. Conforme é estipulado nos Parâmetros Curriculares Nacionais essa temática deve ser abordada de modo transversal em todas as disciplinas ministradas, tornando o professor um importante orientador do comportamento sexual seguro (Lins et al., 2017).

De acordo com Lara *et al.* (2018), o profissional da saúde, assim como o educador, pode contribuir de maneira significativa nos questionamentos dos jovens em relação a promoção, prevenção e educação sexual. Apesar de existir desde 2007 um Programa de Saúde na Escola (PSE), direcionado para avaliação das condições de saúde como: aplicação de flúor, teste de acuidade visual, pesagem, por meio de práticas clínicas. Ainda há uma grande escassez no que se refere a sexualidade gerando uma elevada prevalência de ITI's, aumento dos números de HIV/AIDS, transtornos psicológicos, preconceitos em relação as opções sexuais, suicídio entre os adolescentes homossexuais e o consumo abusivo de drogas ilícitas. Diante deste cenário se faz necessário fortalecer a escola para que ela se torne um local de alicerce para as mais diversas especificidades dos adolescentes.

Buscando implementar atenção básica há educação através de rodas de conversas, um momento de terapia individual com o educador ou profissional da saúde. Para se descobrir as causas de suas aflições e seus anseios.

Sexo e sexualidade sempre foram um assunto de difícil acesso para os seres humanos e tratando-se de adolescente piora ainda mais, pelos vários fatores citados em diversos momentos deste artigo. Vale ressaltar, porém que as dificuldades em sua maioria são por discriminação relacionadas ao moralismo e a religião que ainda hoje, insistem em permanecer no século passado com histórias de um falso moralismo, onde não se pode expor sua opinião e seus sentimentos ao outro que não esteja nos padrões da sociedade. Neste sentido para que haja transformação se faz necessário implantar a educação sexual na escola, para que o adolescente venha sendo acompanhada ao longo do seu desenvolvimento escolar, e adequando o tema conforme o seu crescimento, evitando assim o preconceito, a discriminação, as incertezas, criando expectativas de liberdade e respeito ao próximo. Dando a sociedade jovens pensantes e atuantes, com



opiniões próprias livres de tabus e preconceitos.

Quadro nº 01 – Quadro Síntese das ITI's e HIV/AIDS

DOENÇAS	AGENTE ETIOLÓGICO	SINTOMAS	TRANSMISSÃO	PREVENÇÃO
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana (vírus)	Febre, perda de peso, aparecimento de gânglios, aumento do baço e do fígado, alterações elétricas do coração, inflamação das meninges nos casos mais graves, suores noturnos, diarreia.	Relação sexual (homossexual ou heterossexual, transfusão sanguínea, Transmissão vertical da mãe para o filho, compartilhamento de seringas e agulhas contaminados,	Uso de preservativo, consultas médicas ginecológico, evitar uso de drogas, Testar previamente sangue e hemoderivados para transfusão, uso de antirretrovirais por mães HIV positivas, evitar a amamentar seus filhos
HTLV TIPO 1 / TIPO 2	Vírus linfotrópico de células T humana (Vírus)	Doença sistêmica	Via sexual, perinatal; Transmissão vertical; Transfusão sanguínea e órgãos.	Uso de preservativo, consultas médicas ginecológicas.
SIFILIS	Treponema pallidum (bactéria sistema gram-negativo)	Feridas no pênis, vulva, vagina, colo do útero, ânus, boca e outros locais da pele, manchas pelo corpo, palma das mãos, planta dos pés, febre, mal-estar, dor de cabeça e ínguas e caroços na virilha	Contato sexual (oral, vaginal, anal) Transmissão vertical; Compartilhamento de perfuro cortante; Agulhas e seringas contaminadas	Uso de preservativo, Higiene pessoal, evitar consumo de drogas, Consultas médicas
HEPATITE B e C	HBV/HCV (Vírus)	Cansaço, enjoo, vertigem, vômitos, febre, dor abdominal, pele e olhos amarelados, hepatoesplenomegalia.	Contato sexual, Transmissão vertical (hepatite B); Matérias perfurocortantes; Sangue e materiais contaminados; Reutilização de materiais para tatuagem.	Uso de preservativo, Imunização vacinal, Consultas médicas
HERPES GENITAL	Herpesviridae. HSV1- HSV2 (vírus)	Lesões eritemato-papulosas; Febre; Mal-estar, Mialgia, disúria, retenção urinária, linfodemomegalia inguinal	Contato sexual (vaginal, oral, anal)	Uso de preservativos, Higiene pessoal, Consulta médica.



HPV	Papiloma Vírus Humano (Vírus)	Verrugas anogenitais, câncer do colo do útero, Lesões intra-epiteliais escamosas	Sexo (anal, oral, vaginal), durante o parto	Uso de preservativo, Imunização vacinal, Higiene pessoal, consultas médicas
GONORREIA	Bactéria gram-negativa <i>Neisseria gonorrhoeae</i> (bactéria)	Dor leve a intensa ao urinar, secreção amarelo esverdeada de pus e uma frequente vontade de urinar	Sexual, mucosas orais, nasais e conjuntivas	Uso de preservativos, consulta médica, Higiene pessoal

Fonte: Elaboração própria (2023)

O quadro acima organizou-se a partir das informações coletadas da pesquisa bibliográfica dando condições de elaborar um quadro síntese das patologias mais comuns acometidas por adolescentes e jovens que conhecem de maneira amarga as ITI's e alguns casos o HIV/AIDS e neste há tratamento, mas não cura.

O quadro síntese pode-se ser lançado mão por professores que atuam na Educação Básica e demais profissionais da área de saúde para explicar a adolescentes e jovens acerca dos cuidados na vida sexual ativa, onde prevenção e higiene pode evitar problemas futuros, para tanto o professor deve ser instrumentalizado sobre as ITI's e HIV/AIDS e os profissionais da área de saúde devem rever sua linguagem e recursos que utilizam na transposição didática sobre a temática em tela dando o saber a adolescentes e jovens os cuidados necessários a serem tomados diante da vida sexual.

O vírus da imunodeficiência humana – HIV é uma infecção grave de notificação compulsória, sem cura e com alto índice de mortalidade diretamente relacionado às IST's. Tendo como principal alvo o sistema imunológico apresentando-se em duas fases: assintomática o indivíduo tem o vírus, porém ainda não desenvolveu a doença. Na fase crônica a uma baixa produção de TCD4+, dando possibilidade para manifestação das doenças oportunistas (Brasil, 2020). Em sua maioria é comum algumas pessoas associarem a orientação sexual a ter HIV/AIDS, mas o fato denota outra realidade, pois hoje temos populações chaves e/ou práticas de risco, mas não se pode afirmar que todo gay irá ter HIV/AIDS este rótulo depreciativo ficou lá nos meados da década 80 e 90.

Vale ressaltar, que houve uma evolução no tratamento do HIV/AIDS saímos do coquetel dado aos aidéticos passamos aos retrovirais que promove qualidade de vida a Pessoa Vivendo com HIV/AIDS – PVHA, não deixando os sonhos e metas de vida, mas sim vivendo. Esta informação deve chegar até ao adolescente que se encontra no espaço-tempo de sala de aula.

O Vírus linfotrópico de células T humana – HTLV que se encontra no quadro síntese gera uma grande preocupação junto aos profissionais da área de saúde, por ser uma patologia que têm um período grande de incubação e quando chega a dar sintomas o indivíduo pode não ter mais condições de qualidade de vida. O HTLV é uma infecção grave que atinge 2,5 milhões de brasileiros, deixando o país com o maior número de casos, com prevalência ao norte com o Estado no Pará; no Estado da Bahia há notificação



compulsória desde 2011 das ocorrências de HTLV (BRASIL, 2023). Vale ressaltar, que meio de transmissão se dá: sexual, perinatal e sanguínea. Apesar da infecção ser grave com grandes perdas na qualidade de vida a longo prazo e está associado as ITI's/AIDS, há poucos estudos sobre o vírus.

O professor da Educação Básica que detém a informação sobre as ITI's e HIV/AIDS o mesmo terá condições de orientar seus alunos para ter uma vida sexual ativa a partir das indagações dos mesmos, assim de forma individualizada o professor tira as dúvidas e orienta a melhor forma de se prevenir de uma gravidez indesejada, de fazer sexo sem preservativo, higiene pessoal, formas de contágio de doenças sexualmente transmissíveis.

No tocante a sífilis, é uma infecção grave com grandes repercussões para saúde pública em virtude das suas várias fases de contaminação, classificadas em Fases: Primária com o período de incubação de 10 a 90 dias se caracterizando por ferida única com acometimento da bactéria no pênis, vagina, colo uterino, vulva, boca, ânus e outras partes da pele, Latente ou assintomática não há sinais e sintomas e pode ser dividida em: latente recente (até um ano de infecção) e tardia (mais de um ano de infecção). Esta fase pode ser interrompida pelo surgimento dos sinais e sintomas da fase secundária ou terciária, Fase secundária: Ocorre entre seis semanas há seis meses, após o aparecimento e cicatrização da ferida inicial. Ocasionalmente manchas no corpo incluindo palma das mãos e planta dos pés que podem desaparecer em algumas semanas, independente do tratamento dando falsa impressão de cura, geralmente não coçam. Sendo essas lesões ricas em bactérias, fase Terciária: Surge entre 1 e 40 anos após o início da infecção. Nesta fase apresenta-se como uma infecção sistêmica ocasionando alterações cardiovasculares, neurológicas, ósseas e cutâneas (Brasil,2022).

O adolescente em sua relação sexual pode vir a ter contato com o vírus das hepatites B e C que são infecções graves que atingem o fígado com grandes gastos para a saúde pública, se manifestam de forma silenciosa, acarretando alterações aguda quando se apresenta com curta duração e crônica quando perdura por mais de seis meses. Estão associadas diretamente com as IST's por serem ocasionadas na maioria das vezes por relações sexuais. São diagnosticadas décadas após a infecção por apresentarem sintomas relacionadas a outras patologias do fígado, dificultando assim seu diagnóstico e tratamento. Em consequência do seu difícil diagnóstico podem ocasionar cirrose, câncer hepático e óbito (Luppi et al, 2022).

A herpes genital também é uma ITI's causada pelo vírus do herpes simples (HSV), ocasiona lesões na pele e nos órgãos genitais de ambos os sexos. Uma vez dentro do organismo será de difícil eliminação, pois apresenta-se por períodos de remissão (adormecimento do vírus, sem causar sintomas) e recidivas (manifestação clínica da patologia). O HSV pode ser classificado em dois tipos: HSV1 é responsável pelo herpes facial com manifestações na região da boca, nariz e olhos e HSV2 acomete principalmente a região genital, ânus e nádegas. Tendo um período de incubação entre 10 a 15 dias após a relação sexual, podendo ser transmitido mesmo na ausência das lesões cutâneas ou quando elas já estão cicatrizadas, permanecendo



no corpo humano em estado de latência vitalícia, se escondendo nas raízes dos nervos (Brasil,2022).

É importante lembrar que a infecção cruzada dos vírus herpes tipo 1 e 2 pode acontecer se houver contato oral-genital. Isto é, pode-se pegar herpes genital na boca ou herpes oral na região genital. Na gravidez pode provocar aborto espontâneo, por ser uma doença congênita (que passa da mãe para o feto), extremamente grave e letal. Mesmo que a mulher não tenha lesões visíveis, deve informar aos profissionais de saúde que é portadora do vírus do herpes genital se pretender engravidar (Brasil,2022).

O HPV acomete 80% da população sexualmente ativa que não foram vacinadas no período de 9 a 12 anos ambos o sexo. O vírus contamina pele e mucosas - oral, genital ou anal, provocando verrugas ano genitais (região genital e no ânus) e câncer, dependendo do tipo de vírus. Sendo classificadas em lesões clínicas e subclínicas: Lesões clínicas: se exteriorizam através de (verrugas na região genital e anal denominadas de condilomas acuminados e popularmente conhecidas como "crista de galo", "figueira" ou "cavalo de crista"). Podendo ser únicas ou múltiplas, de tamanhos variáveis, achatadas ou papulosas (elevadas e solidas). Em geral, são assintomáticas, mas podem causar coceira no local. Geralmente, são causadas por tipos de HPV não cancerígenos e Lesões subclínicas: sendo encontradas nos mesmos locais das lesões clínicas, não apresentam sinal/sintomas. Podem ser causadas por tipos de HPV de baixo e de alto risco para desenvolver câncer, não sendo visualizadas a olho nú (Carvalho et al. 2021).

Há vacina contra o HPV é uma forma eficaz de imunizar os adolescentes para que futuramente possam ter uma vida sexual saudável, mas tem-se um outro problema lidar com a ignorância dos pais/responsáveis onde associam a vacina há vida sexual ativa, e que são crianças que não fazem sexo, portanto não precisam de tomar a vacina. Esta visão restrita da realidade se dá por condições religiosas dos pais/responsáveis.

No caso da gonorreia nos chama a atenção ser ocasionada por bactérias *Neisseria gonorrhoeae*, *Chlamydia trachomatis*, Ureaplasmas e Mycoplasmas. Geralmente estão associadas, causando a infecção que atinge os órgãos genitais, garganta e os olhos. Tendo como os sintomas mais frequentes na mulher (corrimento vaginal e dor no baixo ventre), no homem (corrimento no pênis e dor ao urinar). No entanto, na maioria das vezes podem ser assintomáticas na maioria dos casos. (Miranda, et al. 2022).

Vale lembrar, que a Educação Sexual deve ser desenvolvida no âmbito escolar, para que os alunos possam ter acesso às informações, claras, pertinentes, científicas livres de julgamentos morais e éticos respeitando a faixa etária dos mesmos e assim promovendo a cidadania (Medeiros, 2020).

É de conhecimento geral da população que, no final de 1997, o MEC oficializou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que, consoantes com a LDB n.9.394/96, consideram que a orientação sexual (termo do qual eu discordo) é um tema social e urgente, que precisa ser contemplado no curricular do ensino fundamental. Essa exigência pode, sem dúvida, dar nova força a história da Educação Sexual, que vem registrando um crescimento do interesse das escolas por educar sexualmente seus alunos, a partir do final



da década de 80, mais especificamente, início da década de 90. (Figueiró,1998, p. 123)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) Orientação Sexual na escola já era previsto como tema transversal a ser desenvolvido no espaço-tempo de sala de aula onde poderia ser repassado as informações das ITI's e HIV/AIDS. Neste sentido, a educação sexual, deverá ser realizada e tratada pelos profissionais tanto da saúde como da educação com o máximo de naturalidade para toda sociedade, já que faz parte da natureza de todo ser humano. Uma educação sexual bem estruturada uni práticas em várias especialidades que facilitam o desenvolvimento e o desempenho do ser como pessoa pensante e racional, contribuindo para os seus relacionamentos interpessoais, favorecendo o seu convívio em sociedade, na construção de pensamentos críticos, aceitando e auxiliando o outro independente das suas escolhas. Diante destas colocações observou-se a necessidade da aceleração desta educação, para que os nossos adolescentes e jovens sintam-se capacitados e seguros para enfrentar obstáculos que os cercam com relação ao sexo e a sexualidade.

Essas informações os adolescentes podem e devem ter acesso via professor ou profissional da área de saúde dando condições do alunado ser precaver contra as ITI's e HIV/AIDS e podendo vivenciar de forma adequada a sua sexualidade. Já que a escola neste contexto se apresenta como a segunda casa do aluno, entende-se como um local de acolhimento, busca de conhecimento, troca de experiências, sonhos, expectativas, descobertas e decepções. Caracterizando o caráter e a personalidade do aluno, e o início da convivência em sociedade, momento crucial para aprendermos a respeitar as diferenciais do outro. Vendo nesta a sua alternativa de alavancar para construção de uma vida melhor, pois sabe-se que não é a escola que faz o aluno, porém é através dela que a mente se abre para absorver o conhecimento os conduzindo para uma vida melhor.

5 CONSIDERAÇÕES

Observa-se ao longo do trabalho que a fase mais difícil do ser humano é a adolescência, pela peculiaridade que esta apresenta por se tratar de transformações que ocorrem associadas a mudanças físicas, psíquicas e sociais, que formam e determinam o caráter, personalidade, opção sexual, escolha de profissão, vínculos de amizade e aceitação social. Tendo como principal fonte de apoio nessas transformações o âmbito familiar, o instituto escolar e os profissionais da saúde.

Diante desta rede de apoio verificou-se a necessidade da capacitação e qualificação desses indivíduos para que ocorra um diálogo aberto, com perguntas frequentes que possam surgir a respeito da temática. Com o intuito de levantar reflexões e diferenciações sobre as fases da adolescência, sem preconceitos e discriminações em relação aos seus medos e angústias que perduram durante este período de descoberta. Desatando nos, retirando as pedras e os espinhos que persistem na caminhada dos adolescentes. É fundamental debater os assuntos como relacionamentos virtuais e sociais, conceitos primordiais que



abrangem a sexualidade. Tentando buscar consciência crítica visando à superação de concepção moralista e repressora da adolescência através da promoção de encontros, preparação de materiais, planejamento de conteúdo para discussão e debates, além de oficinas que envolvam os adolescentes.

Entender os adolescentes não é tarefa fácil, mas devemos estar aptos a aprender novos meios e técnicas para lidar nas mais diversas situações do cotidiano. A instabilidade que os caracteriza não é sintoma de desequilíbrio, nem de doença. O receio de perguntar e dialogar sobre suas dúvidas e inquietações geram conflitos interiores ainda maiores.

Tendo no professor como um condutor de informações seguras e certas sobre todas as suas dúvidas, pois é ele a pessoa mais próxima neste momento da sua vida. Há necessidade de saber ouvir sem preconceitos e moralismo, a escuta aberta e sincera dá ao jovem uma confiança para demonstrar seus medos e anseios. Os profissionais da saúde se destacam nesse contexto, por vivenciarem no dia-dia tais situações. Sabem como acolher, abordar, conduzir, aconselhar, encaminhar o adolescente a prevenção e tratamento adequado, lhe demonstrando e justificando a necessidade do conhecimento sobre o assunto para se evitar consequências graves ou irreversíveis.

Em relação a temática abordada, entende-se pela necessidade de dar continuidade nos estudos, uma vez que o avanço tecnológico possibilitou o acesso a informação a todos sem distinção e/ou discriminação, é os adolescentes passam a ter contato com informações erradas sobre o tema, de modo que é de extrema importância que haja uma conscientização correta e aberta sobre o temática por meio de políticas públicas conveniadas aos órgãos de saúde e educação.

A negação de ter tido contato com as ITI's em decorrência da ausência de informação e/ou negação pura por ignorância e medo da rotulação social conduz em sua maioria dificuldades emocionais e podendo chegar a depressão. Assim, percebe-se que a desorientação sexual ao longo da vida transforma adolescente /jovem em pessoas desequilibradas ao ponto de não aceitar o outro por preconceito, intolerância, repúdio. Tornando-se desta forma uma pessoa ante social, com a capacidade de destruir a si próprio, assim como seu semelhante, isto não mas é a negação do corpo e de sua sexualidade.

A informação acerca das ITI's, sexualidade das transformações físicas , emocionais que cada um passa na adolescência biológica deve ser de conhecimento de cada um, para tanto a escola (professor) na Atenção Básica de Saúde (profissional de saúde) deve orientar, acolher, desmitificar, encaminhar, ouvir dentre outras o adolescente /jovem que deseja saber “ saber é poder” e transmitir o correto e científico deve ser o foco da Educação Sexual do adolescente /jovem.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. A. L. et al. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: abordagem às pessoas com vida sexual ativa. *Epidemiologia e Serviço de Saúde*. Brasília, 2021. Disponível <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v30nesp1/2237-9622-ess-30-esp1-e2020628.pdf>. Acesso em 16/08/2023

BRASIL, Boletim epidemiológico de sífilis, Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2022/boletim-epidemiologico-de-sifilis-numero-especial-out-2022>. Acesso em 16/08/2023

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Temas Transversais Brasília –DF: MEC.1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf> Acesso em 17/09/2023.

BRASIL. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis (ist). Disponível https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/pcdts/2022/ist/pcdt-ist-2022_isbn-1.pdf/view . Acesso em 06/09/2023

BORDINO, A. E. M. et al. Orientação sexual na escola, soro positivo e homossexualidade: preconceito, discriminação e aceitabilidade a partir do espaço-tempo de sala de aula. *Ciência da Saúde Desafios e Potencialidade em Pesquisa*, 2023. Capítulo 27, volume 2. Disponível <https://editoracientifica.com.br/books/978-65-5360-281-6.pdf>. Acesso em 24/09/2023

COSTA, Josiani Flores da; PACHECO, Zuleyce Maria Lessa; SILVA, Girlene Alves da. Compreendendo a sexualidade dos adolescentes. *Remê: Revista Mineira Enfermagem*. vol.11 no.2 Belo Horizonte Abr./Jun. 2007, Disponível <https://www.reme.org.br/artigo/detalhes/334>. Acesso em 20/08/2023

CRUZ, Patrícia. Nove a cada dez crianças e adolescentes são usuários de internet.16/08/2022. Disponível <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2022-08/nove-em-cada-dez-criancas-e-adolescentes-sao-usuarias-de-internet#>. Acesso em: 22/08/2023

CARVALHO, S.N, et al. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecção pelo papiloma vírus humano (HPV). *Epidemiologia e Serviço de Saúde*, Brasília, 30(Esp.1):e2020790, 2021. Disponível <https://www.scielo.br/j/ress/a/xLM3FTG5mnTM8kHT7b8HLpn/>. Acesso em 15/09/23

DACROCE, Marlete; CORRÊA, Júlio César da Silva. *Percepções e expectativas dos adolescentes frente a sexualidade humana*. Sinop-MT: Ações Literárias, 2021

DANZMANN, Pamela Schutz et al. Educação sexual na percepção de pais e adolescentes: uma revisão sistemática. *Ver. Psicol.Divers. Saúde*, Salvador,11: e 3981, 2022. Disponível <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3981>. Acesso em 22/08/2023

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em 26/08/2023

FIGUERÓ, Mary Neide Damico. *Reverendo A História Da Educação Sexual No Brasil: Ponto De Partida Para Construção De Um Novo Rumo*. Nuances: estudos sobre educação, Londrina, v. 4, n. 4, p.123-133, set. 1998. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/84>. Acesso em: 15 set./



2023.

FREIRE, J. O.; SCHUCH, J. B.; MIRANDA, M. F. Prevalência de HIV, Sífilis, Hepatites B e C em gestantes de uma maternidade de Salvador. *Revista Brasileira Saúde Materno Infantil*, Recife, 21 (3): 955-963 jul-set., 2021. Disponível <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/JBCfVv484DZgnkm66trdhTF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 08/23

FREIRE, I. M; LIMA, E. Dezembro vermelho: revelação do diagnóstico de HIV/Aids para crianças e adolescentes. 30/11/2022. Disponível <https://portal.fiocruz.br/noticia/dezembro-vermelho-revelacao-do-diagnostico-de-hiv/aids-para-criancas-e-adolescentes#:~:text=No%20Brasil%2C%20em%202021%2C%20foram,ainda%20n%C3%A3o%20tem%20acesso%20aos>. Acesso em 22/08/2023

LARA, M., O.; LIMA, R. C. R.; SANTOS, L. A.V. Aspectos Sociodemográficos, História Sexual Reprodutiva e Conhecimento Contraceptivo de Puérperas Adolescentes e Adultas. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 2018. Disponível <http://seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/2845/1998>. Acesso em 08/08/2023

LINS; L. S. et al Análise do comportamento sexual de adolescentes. *Revista Brasileira de Promoção Saúde*, 2017; 30(1): 47-56. Disponível <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/5760/pdf>. Acesso em 08/08/2023

LUPPI, C. G.; et al. Sífilis no estado de São Paulo, Brasil, 2011 a 2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1980-549720200103>. Acesso em 09/09/2020

MAGALHÃES, F. E.; et al. Jovens adolescentes: Os fatores de Risco das infecções sexualmente transmissíveis e fatores protetivos. *Revista Brasileira de Desenvolvimento*, Curitiba, v.7, n.12, p. 114491-114491 dez/. 2021. Disponível <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/40988>. Acesso em 08/08/2023

MEDEIROS, Laura Teles. Educação Sexual: possível. (livro eletrônico): a perspectiva dos (as) estudantes sobre a gravidez na adolescência. Manhumirim-MG: Ed. Da Autora, 2020. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/profbiogv/wp-content/uploads/sites/419/2021/05/EBOOK.pdf>. Acesso em 15 set./2023.

MIRANDA, A. E.; et al. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecções que causam cervicite. *Epidemiologia Serviço de Saúde*, Brasília, 30(Esp.1):e2020587, 2021. Disponível http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742021000500008. Acesso em 15/09/23

PEREIRA, P; GONZAGA, G. R; MIRANDA, E. J. C. Abordagem do tema doenças sexualmente transmissíveis, no ensino fundamental regular, a partir de um jogo didático. *Acta Biomédica Brasiliensia*. Volume 9/ nº 1/ Abril de 2018. Disponível <https://actabiomedica.com.br/index.php/acta/article/view/286>. Acesso em 15/08/2023.

ROSADAS, Carolina et al. Brazilian Protocol for Sexually Transmitted Infections 2020: human T-cell lymphotropic virus (HTLV) Infection. *Journal of the Brazilian Society of Tropical Medicine*, Vol.:54: | (Suppl I): e2020605 | 2021. Disponível <https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/Cfs6xDcqVCZJpJDZwFrPz8f/?format=pdf&lang=en>. Acesso em 30/08/2023



SAITO, M. I.; LEAL, M. M. Educação sexual na escola. Biblioteca virtual em Saúde. São Paulo, 2000. Disponível <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-279804>. Acesso em 10/08/2023

SHANNON, C. L.; KLAUSNER, J. D. The growing epidemic of sexually transmitted infections in adolescents: a neglected population. *Curr opin pediatr.* 2018 feb;30(1):137-143. Disponível <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5856484/pdf/nihms935801.pdf>. Acesso em 10/08/2023

SOUSA, A. S; OLIVEIRA, G. S; ALVES, L. H. A Pesquisa Bibliográfica: Princípios E Fundamentos. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021. Disponível <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 20/08/2023

SILVA, R.F; ENGSTROM, E. M. Cuidado integral à saúde do adolescente pela Atenção Primária a Saúde no território brasileiro: uma revisão integrativa. *Interface (Botucatu)*. 2020; 24(Supl. 1). Disponível: <https://doi.org/10.1590/Interface.190548>. Acesso em: 15/08/2023

TORQUATO, B. G. S. et al O saber sexual na adolescência. *Revista Ciência e Extensão*, 2017; 13(3): 54-63. Disponível: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1467/1413. Acesso em 16/08/2023

QUEIROZ, V. R.; ALMEIDA, J. M. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. *Revista da Faculdade de Ciência Médica Sorocaba*, 2017. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/31788/pdf>. Acesso em 16/08/23

WHO, The changing world of adolescent sexual and reproductive health and rights. Geneva: WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020. Disponível: <https://www.who.int/news-room/detail/03-02-2020-the-changing-world-of-adolescent-sexual-and-reproductive-health-and-rights>. Acesso em 16/08/23.